

# A PRODUÇÃO DO GÊNERO RESENHA DE FILME: UMA EXPERIÊNCIA COM ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Karine Viana Amorim (UFCG)  
kvamorim@hotmail.com  
Roberta Andrade Meneses (UFCG)  
roberta.a.m@hotmail.com

## 1. Considerações iniciais

O trabalho com o texto como objeto de análise tem recebido, no Brasil, significativas contribuições com a publicação de inúmeros trabalhos de pesquisa na área de Linguística textual, notadamente a partir da década de 80. Assim, muitas dessas pesquisas, defendendo o ensino de língua pautado em textos, promoveram a ampliação da discussão sobre o ensino de língua portuguesa nas escolas do país, influenciando decisivamente, inclusive, no surgimento dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) no fim da década de 90 do século XX.

A partir desse cenário, cresce a preocupação com a disseminação e o aprimoramento de práticas de ensino que proporcionem aos alunos o desenvolvimento gradual das competências de leitura e de escrita, reforçando a necessidade dessas competências para a formação cidadã dos sujeitos, através da percepção do texto como entidade sociocomunicativa.

Assim sendo, o presente trabalho se destina a relatar uma experiência que se coaduna à perspectiva acima descrita, fruto da ministração de um curso-piloto intitulado “Escrita: a habilidade do sucesso”, aplicado na escola estadual Nossa Senhora do Rosário, na cidade de Campina Grande, Paraíba, durante o período de 03/04/2012 a 12/06/2012. O referido curso surgiu como demanda da disciplina de Prática de Ensino de língua portuguesa I do curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal de Campina Grande e teve como objetivo geral ofertar a um público composto por alunos do 6º ao 7º anos do ensino fundamental da referida escola, o desenvolvimento da competência em leitura e em escrita, com ênfase na competência escrita, tendo em vista o objetivo específico de produzir o gênero resenha.

Para tanto, o curso foi estruturado em quatro etapas nas quais se focou respectivamente: 1) o trabalho com a noção de gênero discursivo; 2) o trabalho com o desenvolvimento da habilidade de resumir; 3) o trabalho com a leitura e análise do gênero resenha e, finalmente, 4) o trabalho com o planejamento, a produção e a reescrita do gênero resenha de filme.

Desse modo, a investigação realizada parte da análise do *corpus* coletado durante o curso, constituído de primeiras e segundas versões de resenhas produzidas pelos alunos, observando de que modo esses sujeitos produtores orientaram suas produções finais (reescritas), tendo em vista as intervenções promovidas pela correção realizada por uma das estagiárias da disciplina de Prática de Ensino I em suas primeiras produções.

Assim, o presente trabalho objetiva analisar de que modo a ação didático-metodológica adotada pela estagiária, caracterizada pelo percurso escrita – correção – reescrita, interferiu na produção de textos caracterizados pelo atendimento (ou não) às delimitações do gênero resenha de filme.

No tocante ao trabalho com gêneros, a concepção adotada foi a proposta pelo estudioso russo M. Bakhtin (1996) para a qual gêneros são “tipos relativamente estáveis de enunciados” que refletem as condições de produção, a finalidade de cada situação

enunciativa e que podem ser definidos por seu conteúdo temático, estilo e construção composicional.

Quanto ao trabalho específico com o gênero resenha, a principal base teórica utilizada para ancorar o trabalho no curso foram os estudos de Motta-Roth & Hendges (2010). Embora essas autoras abordem o estudo da resenha, tomando-a, como um gênero tipicamente acadêmico, percebemos a possibilidade de adaptação do modelo teórico oferecido pelas pesquisadoras para o trabalho com a produção do gênero resenha também em outras esferas, no caso em questão, a esfera escolar.

No tocante aos aspectos ligados à correção textual, nossa base teórica compõe-se das contribuições de Ruiz (2001); Serafini (2001). Sobre a questão da reescrita, nos ancoramos, basicamente, em Ferreira (2011).

Por fim, salientamos que o presente relato apresenta, além destas considerações iniciais: fundamentação teórica, na qual enfocamos as bases teóricas que alicerçaram tanto o planejamento e a execução do curso quanto à análise proposta neste trabalho; metodologia, na qual descrevemos o percurso didático-metodológico das aulas ministradas; análise dos dados, na qual promovemos a análise das correções realizadas nas 1ª produções dos alunos pela professora estagiária e seus reflexos na 2ª versão (reescrita), tomando por base um exemplar selecionado do *corpus*; considerações finais, na qual retomamos os objetivos propostos pelo trabalho, correlativamente aos resultados obtidos na análise dos dados, tendo em vista sintetizar o impacto da experiência de aplicação do curso; e, finalmente, referências bibliográficas.

### **1.1 Algumas considerações de natureza teórica**

É consenso que uma das principais habilidades a serem desenvolvidas durante os anos de escolarização é a escrita, pois é justamente por meio da escrita que temos, como sujeitos sociais, estabelecido, de maneira mais emblemática, o registro de nossas produções intelectuais.

Desse modo, produzir textos com alto grau de eficiência comunicativa tem sido um fator de status social que reflete, inevitavelmente, o domínio de instâncias de consciência de uso da língua, como por exemplo, a necessidade de monitoramento diante de determinadas situações de interação verbal. Isso por que o diálogo eficiente, seja ele oral ou escrito, exige do sujeito produtor uma série de processos conscientes que se alicerçam fundamentalmente sob dois pilares: nossa pretensão ou objetivo ao escrevermos/falarmos algo e a interlocução que procuramos estabelecer, tendo em vista determinada esfera da comunicação humana.

Assim, a emergência de discussão sobre o papel social da linguagem tem deflagrado inúmeros trabalhos de pesquisa, notadamente os que enfocam gêneros textuais, demonstrando que o uso eficiente da linguagem depende do controle de um conjunto de variáveis passíveis de serem descritas e didatizadas.

Falamos em gêneros textuais quando tratamos de eventos nos quais as práticas sociais humanas são mediadas pela linguagem, seja ela escrita ou oral. Esses eventos sociais de uso da linguagem estabelecem determinados padrões de interação verbal que se expressam através do estabelecimento de modelos, tipos de texto, que tendem à relativa estabilidade à medida que são considerados eficientes à proposta a que se destinam.

Grande parte dos trabalhos em Linguística, ao debruçarem-se sobre a noção de gêneros textuais, alicerçam-se na definição apresentada por M. Bakhtin (1996) para o qual gêneros são “tipos relativamente estáveis de enunciados”.

Esse estudioso, ao enfatizar o caráter interativo da linguagem, defendendo a palavra como entidade que se define, necessariamente, pelo fato de partir de alguém e de se dirigir a alguém, põe em evidência os papéis assumidos tanto pelos interlocutores quanto pelo contexto social, ou seja, a eleição da forma de enunciação para emissão de uma mensagem não depende exclusivamente do sujeito-enunciador, mas da criação de um quadro interlocutivo, situado em determinado contexto social.

Baseados nessa abordagem sociointeracional dos gêneros, é possível estabelecermos diálogo com outras visões, como a proveniente da escola de estudos de gêneros norte-americana, denominada de sociorretórica, a qual se centra na natureza social do discurso. Tal visão, defendida pelos pesquisadores Miller, Swales e Bazerman, caracteriza-se pelo movimento de revitalização da retórica clássica, através da chamada nova retórica, a qual é conhecida pela preocupação pedagógica acerca do ensino das estratégias argumentativas que melhor se adaptam ao tipo de público (audiência) que se pretende convencer.

No que se refere à análise de gêneros, a perspectiva sociorretórica tem orientado diversos trabalhos no Brasil, sobretudo, pesquisas provenientes da adaptação do modelo CARS (create a research space), proposto por Swales (1984), ao trabalho com diversos gêneros, dentre os quais, destacamos o gênero resenha.

A resenha, segundo Motta-Roth & Hendges (2010), é um gênero que serve ao propósito de “avaliar – elogiar ou criticar – o resultado da produção intelectual em uma área do conhecimento”. Essas autoras trabalham com a perspectiva do gênero resenha circunscrito pela esfera acadêmica, tomando-a como um gênero tipicamente acadêmico, ligado à remodelação das relações de poder e status nessa esfera.

Entretanto, como bem sabemos, esse gênero também circula em outras esferas e mesmo sofrendo a influência inevitável da especificidade das diversas situações comunicativas da qual emerge, apresenta, independentemente da esfera, um conjunto de regularidades que permitem sua identificação como resenha.

Ainda segundo Motta-Roth & Hendges (2010), o gênero resenha costuma apresentar uma organização textual caracterizada pela regularidade de quatro movimentos retóricos, a saber:

Apresentar/ Descrever/ Avaliar/ (Não) Recomendar
--

A existência desses movimentos retóricos compondo resenhas é constatado pelas autoras ao analisarem resenhas, em língua inglesa, publicadas em periódicos acadêmicos. Ou seja, ao resenhar determinado objeto intelectual, no caso abordado pelas autoras, livros de áreas específicas, o resenhador tende a organizar seu texto através de movimentos nos quais realiza *Passos*, por exemplo, no movimento retórico Apresentação, é comum a existência dos seguintes *Passos*: identificação do tema geral do livro; referência ao(s) autor(es), dentre outros. Assim, segundo essa perspectiva, o gênero resenha pode ser desmembrado em termos de estruturas hierárquicas, do maior (movimentos) para o menor (passos).

Desse modo, o modelo teórico proposto por Motta-Roth & Hendges (2010) para a análise de resenhas acadêmicas oferece boas possibilidades de adaptação para o trabalho com a produção desse gênero em outros contextos nos quais o objeto resenhado não seja, necessariamente, um livro, nem a esfera, necessariamente, a acadêmica.

Assim, no curso de escrita que subsidia o presente relato, promovemos a adaptação do referido modelo ao trabalho com a produção do gênero resenha de filme, tendo por objeto, a animação audiovisual, e por esfera, o ambiente escolar. Essa

adaptação justificou-se, sobretudo, por constatarmos que resenhas de filmes encontradas comumente em revistas, blogs e sites sobre cinema apresentam correspondência com a estrutura retórica observada pelas autoras supracitadas. Ou seja, nessas resenhas, observa-se a recorrência dos movimentos retóricos de Apresentação/Descrição/Avaliação/(Não)Recomendação, sendo este último movimento, muitas vezes, não encontrado explicitamente.

A perspectiva que amparou nosso percurso didático-metodológico com a produção desse gênero em sala de aula foi a de escrita como atividade processual. Conforme Antunes (2003), essa perspectiva entende a escrita como atividade caracterizada pela existência de três grandes momentos: o planejamento, o escrita propriamente dita e a revisão. Partindo desse pressuposto, compreendemos a escrita como uma atividade apoiada em estágios, através dos quais o sujeito produtor deve ser levado a adquirir, progressivamente, maior consciência discursiva, textual e linguística, adquirindo maior autonomia para intervir em seu texto.

Esses estágios consistem nas ações de planejar, escrever e reescrever o texto, de modo que, em sala de aula, o professor possa orientar e intermediar esses estágios, sempre no sentido de levar o aluno, sujeito produtor, a tomar ciência de seu fazer procedimental.

Para tanto, o professor, ao acompanhar esses estágios, toma para si o papel de orientador, que através de ações várias, tenta levar o aluno a refletir sobre seu texto, indicando-lhe a necessidade de promover alterações. Uma dessas formas de ação é a chamada correção textual que, no caso do curso ministrado, se deu na 1ª produção tendo em vista surtir efeitos materiais na 2ª produção ou reescrita.

A questão da correção textual é tratada por Ruiz (2001), que, retomando Serafini (1989), apresenta três tipos de correção: a) indicativa, na qual o professor se limita a indicar o erro, se utilizando para isso de recursos como sublinhar ou circundar palavra ou trecho do texto; b) resolutive, na qual o próprio professor promove a alteração do texto, podendo reescrever palavras, frases e períodos; c) classificatória, na qual o professor promove a classificação dos erros encontrados no texto do aluno, se são ortográficos, sintáticos, etc..

Além desses três tipos de correção, Ruiz (2001) acrescenta outra, a qual denomina correção textual-interativa, que consiste em comentários escritos pelo professor, geralmente, logo após o texto produzido pelo aluno.

O procedimento de correção textual assumiu, na perspectiva adotada pelo curso de escrita ministrado, o objetivo de auxiliar os alunos, sujeitos produtores, a refletirem sobre seus textos, de modo que a correção textual promovida na 1ª produção pudesse ser aproveitada produtivamente para a reescrita dessa produção, tendo em vista, sobretudo, a produção de um texto final que pudesse ser enquadrado como um exemplar do gênero estudado, a resenha de filme.

Para que analisemos o nível de atendimento desse objetivo, faz-se necessário que abordemos outro aspecto teórico que fundamenta o presente trabalho, a saber, alguns aspectos relativos às pesquisas sobre reescrita.

A reescrita, conforme já mencionado, compõe um dos estágios ou etapas de realização da escrita, identificada essa como atividade processual, caracterizada pelo recursividade. Além disso, conforme Ferreira (2011), o processo de escrita é identificado como “área de modificações e renegociações constantes, e também como palco de interações diversas.” Esse raciocínio segue no sentido de entender o texto não como mero produto acabado e definitivo, mas como entidade moldável para a qual, ainda segundo Ferreira (2001), *escritor ativo* (enunciador que escreve o texto) e *leitor interno* (co-enunciador que lê, monitora e dirige o que deve ser reescrito), ambos faces

de um mesmo sujeito produtor, devem se equilibrar, atuando conjuntamente no sentido de produzir um texto bem elaborado.

Desse modo, a reescrita, tomada pela autora sob a perspectiva sociointeracionista, é entendida como atividade que se volta para um determinado texto com a intenção de melhorá-lo o que extrapola a simples correção de erros gramaticais, abrangendo alterações que atentam para os objetivos envolvidos na produção, o trabalho com a temática e a organização das ideias, aspectos relativos à estruturação textual, dentre outros.

## **1.2. Análise dos dados**

Antes de darmos início à análise propriamente dita, esboçaremos alguns dados de natureza metodológica abarcando, inclusive, a descrição das aulas que compreenderam o planejamento, a produção e a reescrita do gênero resenha de filme no curso “Escrita: a habilidade do sucesso”. Vale salientar que o referido curso contou com 32 aulas, que corresponderam a 16 encontros, organizados em 4 etapas: 1) trabalho com a noção de gênero discursivo; 2) trabalho com o desenvolvimento da habilidade de resumir<sup>1</sup>; 3) trabalho com a leitura e análise do gênero resenha de filme e finalmente, 4) o trabalho com o planejamento, a produção e a reescrita do gênero resenha.

Dado o objetivo a que nos propomos no presente trabalho, focaremos a descrição das aulas correspondentes a etapa 4 do curso, tendo em vista ter ocorrido nesse etapa os eventos que nos interessa discutir na análise dos dados. Promoveremos a descrição das aulas denominando-as *encontros*, cada um dos quais corresponde a 2 aulas.

## **1.3. Descrição das aulas**

### 1º Encontro da etapa 4

Esse encontro teve por objetivos: 1) Assistir à 1ª parte do filme de animação “Coraline e o mundo secreto”, objeto a ser resenhado; 2) Observar a temática do filme, através de uma atividade de interpretação.

A aula teve início com a exibição da 1ª parte de “Coraline e o mundo secreto”, após esse estágio inicial, foi entregue aos alunos uma atividade de interpretação do filme. Tal atividade tratava da identificação, por parte dos alunos, de aspectos centrais da animação, a saber, de que o filme trata? Quem são os principais personagens? Onde se dá a história? Como e por que se dão determinados eventos na trama? Dentre outros.

Por fim, após os alunos terem respondido à atividade, essa foi recolhida, tendo em vista ser corrigida e discutida no encontro seguinte.

### 2º Encontro da etapa 4

Esse encontro teve por objetivos: 1) Assistir à 2ª parte de filme; 2) Discutir a atividade de interpretação realizada no encontro anterior;

---

<sup>1</sup> A necessidade de trabalhar com a habilidade de resumir surgiu pela própria característica do gênero resenha que, surgindo a partir de um processo de retextualização, exige de seu produtor a identificação de aspectos relevantes à descrição do objeto resenhado.

A aula teve início com a apresentação da 2ª parte da animação. Finalizada a exibição, a atividade do encontro anterior foi retomada, sendo corrigida e comentada coletivamente.

Por fim os alunos receberam uma nova atividade, na qual propomos que formulassem um planejamento para a produção da resenha. Essa atividade consistia na eleição das ideias que deveriam compor os movimentos retóricos do gênero: o que deve ser priorizado na apresentação, na descrição e assim por diante. Após a resolução da atividade, os alunos foram solicitados a socializarem suas respostas, promovendo-se a correção coletivamente.

### 3º Encontro da etapa 4

Esse encontro teve por objetivos 1) Atentar para as ideias centrais do filme “Coraline e o mundo secreto”; 2) Produzir a 1ª versão de uma resenha de filme.

A aula teve início com a entrega de uma atividade que propunha aos alunos elencar as ideias principais do filme assistido, resumindo a trama. Ao fim da atividade, solicitamos aos alunos que socializem suas respostas, de modo que a correção orientada pela estagiária se deu coletivamente.

Em seguida, solicitamos que, com base nas atividades e na concepção de resenha adotada pelo processo de ensino-aprendizagem do curso, os alunos produzissem sua 1ª versão de uma resenha de filme.

### 4º Encontro da etapa 4

Esse encontro teve por objetivos 1) Discutir as correções das 1ªs produções; 2) Reescrever os textos produzidos.

A aula teve início com um breve comentário acerca dos principais problemas diagnosticados pela correção das 1ªs produções.

Em seguida, os alunos tiveram suas produções corrigidas, devolvidas. Desse modo, foram orientados a reescreverem suas produções, atentando para os apontamentos promovidos pela correção.

## 2. A delimitação do gênero resenha de filme

A partir da observação do *corpus* e, tendo em vista o objetivo ao qual nos propomos no presente trabalho, percebemos a possibilidade de estabelecermos duas categorias de análise, a saber, 1) Reescritas que progrediram em relação à 1ª produção no que se refere à delimitação do gênero resenha de filme; 2) Reescritas que regrediram em relação à 1ª produção no que se refere à delimitação do gênero resenha de filme. Entretanto, diante da impossibilidade de abordarmos ambas as categorias, tendo em vista a limitação de espaço disponível, decidimos por analisar um exemplar de resenha enquadrado na categoria 1.

Vale salientar ainda que, a pesquisa aqui desenvolvida é de natureza qualitativa e, estando inserida no paradigma interpretativista, delinea-se no âmbito da pesquisa exploratória de viés documental, visto seu *corpus* constituir-se de documentos, especificamente, reescritas de resenhas produzidas por alunos do 6º e 7º anos em um curso de escrita promovido em uma escola da rede estadual de ensino.

Por motivos éticos, identificaremos o sujeito produtores da resenha pela designações de sujeito 1. Quanto às produções, as identificaremos por P1 - 1ª produção e R - reescrita.

Vejam agora a P1, produzida pelo sujeito 1:

**Reescrita que progrediu em relação à 1ª produção no que se refere à delimitação do gênero resenha de filme**

<p>No ano de 2008 foi lançado o filme Coraline e o mundo secreto, que fala sobre uma garota que acaba de se mudar, mas vive chateada por que seus pais não dão atenção a ela,</p> <p>e em um certo dia, Coraline conhece o seu vizinho Wibye, que dá uma boneca muito parecida com ela para ela. Coraline já entediada com sua nova casa resolve explora-la e termina encontrando uma porta secreta, em que descobre um mundo mágico e perigoso.</p> <p>Este filme é bastante interessante, tanto para o público infantil, como para os adultos pois fala de uma relação familiar entre pais e filhos, em que a filha não recebe a atenção dos pais. Então <u>eu</u> acho que na <u>minha</u> opinião quem assistir este irá adorar a animação</p>	<p>Apresentação</p> <p>Descrição/resumo do objeto resenhado (filme)</p> <p>Avaliação</p>
<p>Os tipos de correção encontradas na P1 do sujeito 1 foram a <b>indicativa</b>, promovida através do sublinhado das palavras <i>eu</i> e <i>minha</i>, presentes no último parágrafo, referente ao movimento retórico de avaliação; e a <b>textual-interativa</b>, presente logo abaixo do texto do sujeito 1 e reproduzida a seguir:</p> <p>“Muito bem, <i>sujeito 1!</i> Você só precisa ser mais convincente. Ou seja, tem que dizer mais adjetivos do filme para que as pessoas se interessem.”</p>	

Como podemos evidenciar, a resenha produzida, embora apresente aspectos merecedores de reformulação, atende à estrutura retórica básica de uma resenha de filme, expondo a apresentação, a descrição/resumo do filme e a avaliação, na qual implicitamente, através da identificação do público-alvo, percebemos a recomendação.

Quanto à correção promovida pela estagiária, podemos perceber que sua atenção se volta para as marcas de pessoalidade no texto, através da correção indicativa presente nos pronomes pessoais *eu* e *minha* e para a preocupação em fazer com que o sujeito 1 qualifique mais o objeto resenhado, tendo em vista o objetivo e os possíveis

leitores do texto<sup>2</sup>: “*tem que dizer mais adjetivos do filme para que as pessoas se interessem.*”

A corretora evidencia ainda que, no geral, o texto cumpre com o esperado, o que se nota pelo uso do intensificador *só*: “*(...) só precisa ser mais convincente.*”

Alguns aspectos merecedores de reformulação não são destacados pela correção, por exemplo, a ausência de um título - visto ser a resenha de filme um gênero que tende a se utilizar de um título, seja criado, seja o próprio nome do filme, para chamar a atenção de possíveis leitores - ; a apresentação pouco desenvolvida – neste movimento retórico costuma-se situar mais o leitor, trazendo-se informações como identificar a produtora do filme, seu diretor, o gênero etc. - , a descrição muito sintética – a resenha de filme costuma oferecer destaque a alguns elementos da “trama”, tendendo a construir uma visão, não total, mas geral do filme.

Vejam os agora a Reescrita (doravante R) do sujeito 1:

<p>No ano de 2008, foi lançado o filme <i>Coraline e o mundo secreto</i>, que fala sobre uma menina que acaba de se mudar para uma casa nova, mas vive chateada por que seus pais não lhe atencão a ela,</p>	Apresentação
<p>e em um certo dia, Caroline conhece seu vizinho Wibye que dá uma boneca muito parecida com ela para Coraline. Coraline já entediada com sua nova casa, resolve explora-la e termina encontrando uma porta secreta em que descobre um mundo mágico e perigoso.</p>	Descrição/Resumo do objeto resenhado (filme)
<p>Este filme é bastante interessante, tanto para o público infantil, quanto para os adultos pois fala de uma relação familiar entre pais e filhos, em que que a filha não recebe atencão dos pais. Então esta <b>é uma verdadeira aventura, bastante divertida</b> e quem assistir irá adorar! <b>Bom filme!</b></p>	Avaliação

Na R do sujeito 1, percebemos pelo menos três alterações que evidenciam reflexos da correção, ou seja, o sujeito 1 acata os apontamentos da correção:

---

<sup>2</sup> Foi proposto aos alunos que suas resenhas fossem divulgadas no *blog* da escola. Assim, os possíveis leitores poderiam ser desde outros alunos até professores e funcionários.



1) Promove a retirada das marcas de 1ª pessoa, promovendo um movimento de distanciamento do texto. Essa alteração parece ter sido reflexo direto da correção indicativa, na qual, como visto anteriormente, a estagiária sublinha os pronomes de 1ª pessoa. A pessoalidade na resenha nem sempre é um dado problemático, sobretudo se o resenhador é tomado como especialista, no entanto, dada a situação de comunicação instaurada pelo curso, a pessoalidade presente na recomendação compromete a argumentatividade, pois soa genérica, principalmente pela escolha do verbo, que demonstra pouca convicção “(...) *eu acho* (...)”.

2) O sujeito 1, em sua R, tenta ser mais enfático na imagem que procura passar do objeto resenhado, acrescentado adjetivos nos quais a estratégia mais evidente é a escolha pela intensificação da qualidade - em negrito no texto - como podemos observar, por exemplo, a partir do uso do superlativo analítico: “(...) *bastante divertida*.”

3) Ao encerrar sua R com a expressão “*Bom filme*”, parece evidente que o sujeito 1 atentou para a correção textual interativa promovida na P1, que ao citar a necessidade de que o texto consiga fazer com que “*as pessoas se interessem*”; traz à tona a preocupação com possíveis interlocutores. Desse modo, o sujeito 1 promove uma interlocução mais direta com o leitor, projetando-o.

Com base no exposto, podemos dizer que as alterações promovidas pelo sujeito 1 em sua R, são significativas no que se refere ao atendimento à delimitação do gênero resenha filme, pois, ainda que os movimentos retóricos tenham se mantido, ocorrendo tanto na P1 quanto na R, percebemos que na R, notadamente no movimento retórico de avaliação, o sujeito 1 evolui, conseguindo ser mais persuasivo, conforme solicitado pela correção textual interativa promovida na P1.

### **3. Considerações Finais**

A análise desenvolvida no presente trabalho demonstra que o professor, através da correção textual, torna-se elemento crucial no rumo que o texto pode tomar no curso do processo de escrita. No caso em questão, a delimitação do gênero era uma questão fundamental, pois representava o próprio objetivo do curso de escrita: produzir uma resenha de filme, tendo em vista a situação comunicativa instaurada.

Talvez por isso, outras questões passíveis de alteração não foram expostas na correção promovida pela estagiária, que através da correção textual-interativa que produz, evidencia como principal preocupação a necessidade de que o sujeito 1 assumira uma atitude mais apreciativa na avaliação do objeto resenhado, persuadindo seu possível leitor a se convencer da opinião exposta e conseqüentemente, vir a ter interesse em assistir ao filme.

Tal preocupação, evidenciada na correção, deixa claro a própria visão que a estagiária tem quanto à delimitação do gênero resenha, ou seja, gênero no qual o movimento retórico de avaliação tem fundamental relevância, devendo ser convincente, tendo em vista persuadir o possível interlocutor. Essa visão é incorporada pelo sujeito 1 em sua R, possivelmente, influenciando decisivamente na construção de um conjunto de representações, por parte desse sujeito produtor, no que refere ao que venha a ser uma resenha de filme eficiente.

Desse modo, a aceitação e incorporação, por parte do sujeito 1, dos apontamentos da correção textual-interativa reforça a constatação de Ruiz (2001), ao concluir que, salvo casos excepcionais, esse tipo de correção “sempre obtêm resposta revisiva do aluno”.

Além disso, os resultados observados na análise dos dados corrobora com a validação da correção promovida acerca de uma 1ª versão, sobretudo a textual-interativa - podendo também ocorrer essa de forma positiva quando em coocorrência com outros tipos de correção – como uma ferramenta útil ao trabalho com a aquisição de gêneros em ambiente escolar.

#### 4. Referências

ANTUNES, I. **Aula de Português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola, 2003.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

FERREIRA, E. C. A. Quando a reescrita (não) funciona: estudo sobre o papel da didatização da reescrita no curso de Letras. In: MARTINS, Marco Antônio [et al.]. **Anais do V Encontro das Ciências da Linguagem Aplicada ao Ensino: ECLAE**. Natal: GELNE, 2011.

HEMAIS, B; BIASI-RODRIGUES, B. A proposta sociorretórica de John M. Swales para o estudo de gêneros textuais. In: MEURER, J. L., BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.). **Gêneros: Teorias, métodos e debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.p. 108- 129.

MOTTA-ROTH, D. A construção social do gênero resenha acadêmica. In: MAURER, J. L.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.). **Gêneros textuais e práticas discursivas**. Bauru, SP: EDUSC, 2002. p. 77-116.

MOTTA-ROTH, D.; HENDGES, G. R. **Produção textual na universidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

RUIZ, E. **Como se corrige redação na escola**. Campinas: Mercado das Letras, 2001.